

EPISÓDIO 24: AR PURO PARA UM FUTURO SAUDÁVEL

Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.

Shweta Narayan [00:00:06] Chegou a hora de medirmos o avanço de nossa civilização por meio da métrica da saúde e não da métrica da riqueza. Mas aqui também está um dos nossos maiores obstáculos. É impossível ter pessoas saudáveis em um planeta doente. O flagrante desrespeito pelo meio ambiente, que está enraizado em nossos modelos econômicos e sociais atuais, levou o mundo natural aos seus limites.

Garry Aslanyan [00:00:44] Bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou Garry Aslanyan. Neste episódio, examinaremos mais de perto um problema que afeta não apenas a saúde das pessoas, mas também nosso planeta. Estou falando sobre a poluição do ar, um problema mundial generalizado que penetra em cada respiração. A Organização Mundial da Saúde estima que nove em cada dez pessoas em todo o mundo respiram ar poluído. Para discutir como esses problemas afetam as pessoas que vivem na Índia e na África do Sul, tenho a companhia de Shweta Narayan e Rico Euripidou. Shweta é ativista global de clima e saúde em uma organização não governamental internacional chamada Health Care Without Harm, em Nova Délhi. Rico é gerente de pesquisa da GroundWork, uma organização sem fins lucrativos com sede na Cidade do Cabo. Oi Shweta. Oi Rico. Como você está hoje?

Shweta Narayan [00:01:45] Olá Garry. Muito bom te conhecer. Estou bem, obrigado.

Rico Euripidou [00:01:48] Oi, Garry. Vamos entrar no outono na África do Sul, e é muito bom estar no programa.

Garry Aslanyan [00:01:55] Ótimo, bem-vindo. Shweta, você teve uma carreira muito interessante que a levou do trabalho social focado em criminologia à justiça e defesa ambiental. Talvez você possa compartilhar como essa transição aconteceu para você e por que você se tornou tão apaixonado por combinar meio ambiente, justiça e saúde.

Shweta Narayan [00:02:19] Obrigado, Garry. Sim, essa foi de fato uma trajetória interessante na minha vida, mas foi durante meu último ano na faculdade de serviço social que eu estava fazendo minha tese de mestrado. Este foi o ano de 2000 a 2001, e houve um julgamento histórico sobre poluição do ar em Nova Délhi que foi aprovado pela Suprema Corte, onde, tendo em mente a baixa qualidade do ar de Delhi, a Suprema Corte Governamental ordenou a realocação de unidades poluentes do centro da cidade para a periferia. E isso me fascinou como pedido porque não era uma solução duradoura, estava apenas mudando o espaço onde essas unidades poluidoras existiam, não mudando a tecnologia que causava a poluição, mas apenas pegando essas unidades e realocando-as em outro lugar para limpar o ar de Delhi. E foi fundamentalmente uma solução realmente problemática. Foi uma solução temporária, mas fiquei muito curiosa para saber como a cidade meio que se reajustou com a mudança da classe trabalhadora para fora da cidade e o tipo de interrupções que ela trouxe. Então eu estava curioso para estudar isso, e foi aí que meu interesse por meio ambiente, saúde, classe meio que ganhou força. E assim que me formei, comecei a trabalhar como voluntário para os sobreviventes do gás de Bhopal. Esses são os sobreviventes do pior desastre industrial do mundo, a tragédia do gás de Bhopal em 1984. E quando comecei a me voluntariar para a campanha, acho que não havia como voltar atrás. Ficou claro para mim que trabalhar com comunidades e comunidades cercadas na justiça ambiental era algo que eu realmente queria fazer e continuo fazendo.

Garry Aslanyan [00:04:15] Muito interessante, obrigado. Rico, sua organização está focada em atividades de justiça ambiental em várias áreas, incluindo saúde. Talvez você possa explicar um pouco mais para nosso público por que a justiça ambiental é um componente importante para alcançar sociedades saudáveis.

Rico Euripidou [00:04:34] A Organização Mundial da Saúde declarou que a poluição do ar é uma das principais causas globais de doenças e estima que entre sete e nove milhões de pessoas morrem por causa da poluição do ar todos os anos. Agora, essa é uma grande afirmação porque, considerando os outros grandes problemas de saúde globais - HIV/AIDS, tuberculose, malária - entre sete e nove milhões de mortes em todo o mundo são quase três vezes mais mortes do que todos esses outros grandes problemas de saúde juntos. A poluição do ar não pode ser desvinculada da crise climática. A poluição do ar das usinas termoeletricas movidas a carvão, da forma como geramos energia a partir de combustíveis fósseis e da crise climática são duas faces da mesma moeda. Então, temos que pensar sobre isso juntos. Temos que pensar juntos na poluição do ar e no clima. E há esse impulso global em direção a uma transição justa para longe da energia de combustíveis fósseis, para que possamos enfrentar a crise climática e também levar em conta as pessoas que serão afetadas por essa mudança, a mudança social em relação aos combustíveis fósseis. E a Transição Justa é tradicionalmente considerada algo apenas sobre empregos. Mas não se trata apenas de empregos. Na África do Sul, nós, junto com as comunidades com as quais trabalhamos, dizemos que a Transição Justa trata dos serviços que as pessoas recebem, independentemente de receberem água potável e saneamento. Trata-se de envolver o Ministério da Habitação para que as pessoas tenham casas decentes e que os lugares onde moram sejam propícios à boa saúde. E também é sobre alimentação e agricultura. Portanto, a transição justa e seu enquadramento são muito mais amplos do que apenas a transição de combustíveis fósseis para energia limpa e renovável. É também sobre todos esses outros determinantes sociais da saúde. Portanto, esse veneno lento de que falamos é algo que temos que resolver não apenas limpando o ar, mas pensando em limpar o ar e fazer a transição da energia suja para a energia limpa, levando em consideração todas essas outras coisas que trazem benefícios à saúde das pessoas e que melhoram sua saúde.

Garry Aslanyan [00:07:12] É muito interessante aprender com suas duas experiências como você realmente se concentrou nessa área. Talvez se aproximando das realidades terrestres. Shweta, gostei muito de assistir sua palestra no TED e de como você enfatizou que é impossível ter pessoas saudáveis em um planeta doente. E você trabalha em estreita colaboração com residentes em comunidades poluídas na Índia. Talvez você possa compartilhar com nosso público como a poluição do ar está afetando os meios de subsistência e a saúde das pessoas.

Shweta Narayan [00:07:50] Garry, como mencionei em minha palestra no TED, que a saúde humana e a saúde planetária estão profundamente relacionadas, e é impossível imaginar uma vida em que o ar não seja limpo, a água não seja pura e os alimentos não sejam frescos e não sejam afetados por pesticidas. E só para aproveitar o que Rico mencionou há pouco sobre injustiças ambientais, as comunidades cercadas na Índia também estão em uma posição semelhante. Eles são marginalizados econômica, social e politicamente. Os locais mais poluídos do país estão longe de seus formuladores de políticas. Eles estão longe de onde você vê. Eles estão simplesmente invisibilizados. Portanto, muito do nosso trabalho com comunidades cercadas é tornar visível isso invisível. As comunidades cercadas estão desproporcionalmente sobrecarregadas com as toxinas às quais são expostas e o ambiente insalubre em que vivem, e muito do nosso trabalho consiste em documentar essa experiência vivida de poluição, doenças e destruição que essas instalações poluentes trazem, e documentá-la de uma maneira científica que não pode ser refutada sem investigação. E se você observar todas as comunidades afetadas pela poluição em todo o mundo, tudo se resume a essa luta por um ambiente limpo e saudável e pela oportunidade de viver uma vida sem poluição. Isso é algo que conecta todas

essas comunidades afetadas pela poluição e, quando se trata de poluição na Índia e poluição do ar, você sempre ouvirá falar sobre Delhi e como Nova Délhi é a capital mais poluída do mundo. O que você não ouvirá são esses lugares distantes que são centros de produção de combustíveis fósseis, de usinas a carvão e minas de carvão, como Korba ou Singolia no norte, esses nomes não seriam de conhecimento comum. E esses são os lugares que têm os piores impactos, provavelmente 10 a 15 vezes mais poluição do que Delhi, o que chega à mídia nacional e internacional, mas você nunca ouve falar desses lugares. E na luta pelo ar puro, acredito que, se esses lugares respirarem ar puro, Delhi respirará automaticamente ar puro.

Garry Aslanyan [00:10:05] Rico, na África do Sul, a poluição do ar foi descrita como um veneno lento e, como resultado de muitas falhas de políticas e implementações políticas, a saúde de quais comunidades foi mais afetada?

Rico Euripidou [00:10:22] Sou da África do Sul e, considerando nosso passado recente, especialmente no contexto do apartheid, a justiça ambiental e a desigualdade são especialmente importantes para nós como um problema. O apartheid significava que tínhamos serviços de saúde desiguais, tínhamos educação desigual, as pessoas tinham direitos desiguais em geral na sociedade, e o que o apartheid fez foi perpetuar essas desigualdades. Portanto, na fronteira da indústria suja na África do Sul, temos comunidades negras pobres que nunca foram planejadas e nunca foram autorizadas a alcançar qualquer outro potencial além de trabalhadores não qualificados ou pouco qualificados que vivem na cerca da indústria para que pudessem ser os trabalhadores. E essas pessoas arcam com uma carga desproporcional dos determinantes ambientais da saúde. Eles têm níveis mais altos de poluição do ar, têm menos acesso à energia em suas casas e precisam depender de combustíveis fósseis para aquecimento espacial. Então, as pessoas que eram negras, que vivem em uma cerca na África do Sul, suportam esse enorme fardo de desigualdade. E é aí que definimos nossa campanha de justiça ambiental. Então, a maneira como entendemos a justiça ou a injustiça ambiental é que as pessoas menos responsáveis por algo como a poluição do ar são as que são mais afetadas pela poluição do ar e são menos capazes de fazer algo a respeito. E isso define nossa estrutura de justiça ambiental.

Garry Aslanyan [00:12:11] Shweta, o que as comunidades que carecem de recursos e energia fazem na Índia em resposta a um ambiente que está prejudicando sua saúde?

Shweta Narayan [00:12:20] Acho que a maioria das comunidades cercadas não tem recursos e energia. Eles são marginalizados social, econômica e politicamente. E acho que o que cada vez mais as comunidades estão fazendo é buscar solidariedade e prestar solidariedade, porque a luta é uma luta compartilhada. É uma luta compartilhada por ar puro, água limpa e pelo direito a um ambiente saudável onde as pessoas possam prosperar, e regiões afetadas pela poluição estão formando essas redes de solidariedade entre si, trocando informações, e acho que o que mencionei, visualizando os impactos invisíveis ou o que está sendo mantido fora do conhecimento público nas comunidades, está cada vez mais documentando isso e suas evidências estão formando a base para a investigação, devo dizer, na Índia. Um exemplo foi em 2004, quando aldeias em uma comunidade costeira começaram a documentar os compostos orgânicos voláteis que estavam sendo deixados de fora pelas indústrias químicas, plásticas e petrolíferas, químicas e farmacêuticas e depois pelo ar, e isso o governo nem estava documentando. E essa é uma história muito interessante porque é aqui que a África do Sul e a Índia se unem como o vínculo entre a região afetada pela poluição. Tivemos um grupo de apoio comunitário dos EUA que compartilhou essa tecnologia de baixo custo de monitoramento, qualidade do ar e especialmente compostos orgânicos voláteis, chamada Bucket. Se você pesquisar no Google “a brigada de baldes”, saberá mais, mas esse foi um dispositivo de baixo custo que foi desenvolvido na cerca de comunidades de refinarias dos EUA, onde pessoas que não tinham acesso a mecanismos de monitoramento caros usaram esse balde para testar o ar em busca de compostos orgânicos voláteis,

que são emissões conhecidas de refinarias. E as comunidades na Índia adotaram isso, fizeram seu próprio balde, testaram a qualidade do ar que respiravam nessas zonas industriais químicas e descobriram que estavam respirando substâncias químicas tóxicas como fluoreto de fenil, benzeno e clorofórmio. Em 2004, a Índia não tinha padrões regulatórios para compostos orgânicos voláteis no ar. E foram os aldeões que, por meio da solidariedade de outras regiões afetadas de forma semelhante no mundo, usaram esse dispositivo e influenciaram a Suprema Corte a constituir mecanismos regulatórios na Índia para notificar padrões para compostos orgânicos voláteis. Assim, comunidades onde quer que estejam se organizando, buscando e prestando solidariedade e usando sua experiência de vida de forma científica, são capazes de influenciar o mais alto nível de tomada de decisão no país. E vejo mais disso acontecendo na Índia e em regiões do mundo afetadas pela poluição.

Garry Aslanyan [00:15:23] Rico, na África do Sul, tem uma lei de ar limpo em vigor (Lei da Qualidade do Ar, 2004), mas isso não parece ser suficiente. Portanto, sua organização deu um passo adiante para ajudar comunidades onde falta ar limpo. E acabamos de ouvir de Shweta um pouco do engajamento da comunidade na Índia. Talvez você possa contar ao nosso público e aos ouvintes mais sobre o mais recente caso aéreo mortal e seu resultado.

Rico Euripidou [00:15:53] O ar mortal era a forma como imaginamos que fosse para apresentar a história sobre pessoas reais e vidas reais vivendo nessas áreas afetadas pela poluição do ar, e o processo judicial foi elaborado em parceria com uma clínica jurídica chamada Center for Environmental Rights, GroundWork e alguns grupos comunitários locais, a Organização de Monitoramento Ambiental. E o que fizemos foi, com o tempo, analisar nossa lei de qualidade do ar, nossos regulamentos de qualidade do ar e os requisitos que ela tinha para governos, governos nacionais e governos locais. E, essencialmente, para simplificar a história, nossa lei do ar limpo determina que as jurisdições responsáveis pela implementação da lei sejam obrigadas a elaborar planos de gestão da qualidade do ar e que esses planos de gestão da qualidade do ar sejam previstos para resultar em reduções na poluição do ar e, conseqüentemente, benefícios para a saúde das pessoas. Mas como nenhum desses requisitos é legislado, eles não têm responsabilidade legal sobre esses atores. Esses planos nunca foram implementados. Portanto, os municípios da África do Sul que estão tendo dificuldades com a prestação de serviços simplesmente não tinham os recursos, não tinham os orçamentos para nomear agentes de qualidade do ar, manter o equipamento de monitoramento da poluição do ar em suas jurisdições e fazer investigações suficientes sobre excedências da qualidade do ar ambiente. Estamos falando de uma ação regulatória bastante sofisticada para os municípios. Então, o que fizemos foi levar o presidente e o ministro ao tribunal e dizer que, a menos que haja uma exigência legislativa, a menos que haja uma responsabilidade obrigatória por todos os atores envolvidos na limpeza do ar, nunca seremos capazes de progredir na África do Sul. E apresentamos isso a um juiz na África do Sul no tribunal, no contexto de nossa Constituição. E em nossa Constituição, temos um direito muito progressista que fala sobre o meio ambiente, é a Seção 24 da Constituição da África do Sul, e essencialmente diz que todos têm direito a um ambiente que não seja prejudicial à saúde. Agora, governos em todo o mundo e também na África do Sul dizem que esses direitos são progressivos. Eles dizem que somos um país em desenvolvimento, um estado em desenvolvimento, e não podemos realizar esses direitos imediatamente. Temos que progredir lentamente em direção a esses direitos. Convencemos o juiz de que esses direitos não são ambiciosos, que são imediatos e imediatamente reconhecíveis pelas pessoas e que devem ser implementados imediatamente. Esse é o significado desse julgamento da Deadly Air na África do Sul.

Garry Aslanyan [00:19:27] Shweta, existem processos semelhantes em andamento na Índia?

Shweta Narayan [00:19:30] Um desenvolvimento significativo que aconteceu, especialmente nas comunidades afetadas pelo carvão na Índia central, é que as comunidades usaram com sucesso uma lei para expandir sua compreensão do princípio do poluidor-pagador, que geralmente analisa os danos ambientais e torna o poluidor responsável por compensar esses danos para expandi-lo, seu entendimento para cobrir danos à saúde. E isso é revolucionário. Isso é extremamente árduo em muitos sentidos, porque muitas poluições afetaram comunidades onde os danos à saúde são muito difíceis de avaliar, mas, em cada caso, agora é cada vez mais onde há mais evidências de contaminação e consequentes danos à saúde, há esperança de que as comunidades recebam essas compensações das agências poluidoras. Também quero acrescentar outro comentário que me veio à mente quando Rico estava falando, que foi que o direito a um ambiente limpo e saudável não é visto apenas como um direito aspiracional pelo governo e pelas agências reguladoras, o que não deveria ser o caso. Acho que muita coisa também é pensar que precisamos nos desenvolver primeiro e depois abordar algumas dessas questões, o que não é o fato. Não deveria ser assim. Qualquer desenvolvimento que venha à custa de nossos recursos ambientais, nossa capacidade de viver uma vida saudável, não é desenvolvimento, é destruição. E isso levanta a questão do desenvolvimento para quem e quem paga o preço? E cada vez mais estamos vendo que, nessa política de marginalização e injustiça, os mais marginalizados que estão duplamente sobrecarregados com a responsabilidade do desenvolvimento da nação são os mais marginalizados, os mais explorados, e espera-se que eles façam o maior sacrifício, e isso tem um custo. Isso tem o custo de nossa qualidade do ar, nossa água, nossos recursos naturais e, eventualmente, tudo isso é o preço que pagamos em termos de custo de saúde, e isso é intergeracional.

Rico Euripidou [00:21:45] Na verdade, você poderia argumentar, Shweta, que o desenvolvimento não pode acontecer a menos que o desenvolvimento aconteça no contexto de um ambiente que seja sustentável para a saúde das pessoas, que dê às pessoas a melhor oportunidade de se desenvolverem. Então, a ideia de que você tem que se sacrificar e fazer sacrifícios para se desenvolver, acho que é um pensamento realmente ultrapassado.

Shweta Narayan [00:22:11] Exatamente.

Garry Aslanyan [00:22:12] Ponto muito interessante. Mudando um pouco de marcha, Shweta, você considera a poluição do ar como assunto e problema de todos, isso está claro. Você conseguiu defender que os profissionais de saúde da linha de frente se envolvessem e prestassem mais atenção a esse problema?

Shweta Narayan [00:22:35] Sim, e temos, de fato, um projeto muito interessante e bem-sucedido que estamos trabalhando com o Departamento de Saúde no centro da Índia, no estado de Chhattisgarh, com os profissionais de saúde da linha de frente que acreditamos terem sido fundamentais não apenas para defender o ar limpo, mas também para fornecer serviços e melhorar a infraestrutura de saúde no atendimento a pacientes que estão sofrendo impactos adversos à saúde devido à poluição. E esse projeto são as trabalhadoras comunitárias de saúde que são chamadas de mitanins. Essa é uma palavra local para agentes comunitários de saúde no estado. Os profissionais de saúde de lá são capazes de articular os problemas que as comunidades enfrentam nessas regiões. Eles se treinaram na ciência da poluição do ar, então se treinaram no monitoramento da qualidade do ar porque não têm acesso a nenhum dado do nível superior, de cima para baixo. Assim, eles conseguiram usar dispositivos de baixo custo para identificar como é a qualidade do ar, para que possam usar essas informações para aconselhar populações vulneráveis, especialmente mulheres grávidas, quando podem, quanto devem limitar sua exposição e que tipo de precauções poderiam tomar. E eles não estão apenas usando essa ciência para informar e aconselhar mulheres e crianças, mas também estão usando suas experiências para orientar o governo a fornecer certos tipos de serviços em determinadas áreas. Então, onde quer

que tenham visto casos de nascimentos prematuros e baixo peso ao nascer, eles estão responsabilizando seus conselheiros locais, pedindo melhorias nas medidas de controle de poluição nas indústrias ao redor para que os níveis de poluição do ar possam diminuir. Portanto, tem sido extremamente empoderador e está vendo a onda de demanda por ação e resposta do Departamento de Saúde de forma positiva para resolver a crise da poluição do ar. Portanto, esse tem sido um projeto bastante empolgante para nós.

Garry Aslanyan [00:24:52] Interessante. Enquanto você falava e se referia a alguns dos profissionais de saúde também engajados, lembrei-me de que, quando trabalhei na Associação de Saúde Pública de Ontário, eu era presidente no Canadá e trabalhamos em um relatório que trouxe à luz a poluição do ar nos ônibus escolares. E por causa do tipo de diesel que usavam e, por 2 a 2,5 horas por dia, às vezes as crianças estavam no ônibus e eram expostas a ele, o que na verdade exacerbava a frequência e a gravidade dos ataques de asma. Na verdade, o pessoal da saúde pública galvanizou esse relatório e pressionou por projetos de ônibus escolares com ar limpo. Portanto, troque os filtros e reduza a exposição aos poluentes. Portanto, é importante reiterar que, como também estamos engajados na saúde global, podemos fazer muito em termos de defender isso. Então, Rico, você tem sido ativo na tentativa de superar os silos entre políticas ou tomadores de decisão em saúde, energia e clima. Você tem algumas lições práticas para compartilhar com nossos ouvintes sobre como você gerencia isso?

Rico Euripidou [00:26:07] Sim, para nós, sempre vimos a saúde como algo central na política climática e na política energética e na tomada de decisões em torno do clima e da energia. A menos que você levasse em conta a saúde, você estava perdendo o ponto. E isso é algo que, junto com a Health Care Without Harm e nossos parceiros globais que trabalham nesse espaço, defendemos há muito tempo que ajudamos o setor de saúde a reconhecer seu lugar, sua posição, sua relevância e seu poder de ajudar os governos a tomar boas decisões políticas sobre meio ambiente e saúde. Agora, infelizmente, a maioria dos países ao redor do mundo, e isso inclui os países em desenvolvimento, até hoje, eles não veem a política energética e a política ambiental como tendo um importante elemento de saúde e não colocam a saúde no centro dessas políticas. Portanto, quando as pessoas em alguns países analisam suas leis de poluição do ar, elas não fazem a conexão direta entre o Ministério da Saúde e o Ministério do Meio Ambiente, com a mesma responsabilidade jurisdicional de supervisionar essas leis. E isso é algo que estamos trabalhando muito para tentar resolver. O setor de saúde em todo o mundo é mais confiável do que qualquer outro setor quando envia mensagens. Então, as pessoas acreditam em médicos, enfermeiras e profissionais de saúde, elas acreditam neles mais do que acreditam em políticos, do que acreditam em policiais, do que acreditam em professores, do que acreditam em advogados. Portanto, o setor de saúde tem uma posição muito elevada na sociedade, e a menos que capitalizemos o capital social do setor de saúde que eles possuem e os ajudemos a entender sua própria responsabilidade moral de se manifestar sobre questões de política climática e energética, etc. A menos que façamos isso, estaremos prestando um péssimo serviço a nós mesmos.

Garry Aslanyan [00:28:32] Uma pergunta final para vocês dois. Daqui a dez anos, o que você gostaria de ver acontecer em suas próprias comunidades, em seu respectivo país, especialmente no setor da saúde, no combate e cura da poluição do ar? Rico.

Rico Euripidou [00:28:52] Eu gostaria que Shweta tivesse a palavra final, então eu vou primeiro. Nos Estados Unidos, quando a Lei do Ar Limpo foi implementada, a Agência de Proteção Ambiental, de forma muito progressiva na época, decidiu que faria uma revisão a cada dez anos e analisaria os custos e os benefícios da implementação dessa Lei do Ar Limpo. Então, nos primeiros dez anos, no início dos anos 1980, eles fizeram uma análise de custo-benefício e descobriram que os benefícios à saúde, comparados aos custos de cada dólar gasto para limpar o ar, descobriram que haviam economizado \$10. E quando fizeram isso novamente no início dos anos 90, descobriram que a proporção havia

subido para 25 para 1. Para cada dólar gasto limpando o ar, os benefícios de saúde que eles calcularam foram de \$25. E quando eles fizeram isso pela última vez na década de 2010, essa proporção já havia subido para 30 para 1. Para cada dólar gasto para limpar o ar, foram quantificados \$30 em benefícios de saúde e benefícios sociais. Isso só mostra que, com um pouco de previsão, com um pouco de comprometimento, que há grandes economias e esse é nosso benefício lacuna que acontecerá em todo o mundo, que lidar com a poluição do ar e os fatores causadores da crise climática, na verdade nos economizará dinheiro. Isso nos dará o benefício de nos desenvolvermos. Podemos superar os problemas de outras nações industrializadas e outras formas de industrialização. Não precisamos ter uma industrialização suja. E o que eu gostaria de ver é o setor de saúde na África do Sul na vanguarda, fazendo esse trabalho, defendendo e impulsionando esse trabalho para mostrar que os custos necessários para limpar a sociedade e nos dar uma chance melhor de evitar mudanças climáticas existenciais.

Shweta Narayan [00:31:14] Obrigado Rico e só para continuar com isso, definitivamente gostaria de ver o setor de saúde liderando essa conversa, e vejo dois caminhos muito distintos. O próprio setor de saúde precisa limpar sua atuação. O próprio setor da saúde precisa dar o exemplo, afastando-se da energia de combustíveis fósseis, afastando-se dos produtos químicos e plásticos nos cuidados de saúde. Então, acho que há uma oportunidade para o setor de saúde realmente liderar pelo exemplo e praticar o que está pregando. E esse trabalho já foi iniciado e está tomando forma de uma maneira interessante e bonita em todo o continente, da África do Sul à Índia e globalmente, onde o setor de saúde está entendendo sua própria pegada climática e os profissionais de saúde e a comunidade de saúde estão explorando seriamente oportunidades para descarbonizar suas próprias instituições e suas práticas e, ao mesmo tempo, defender melhores ações em diferentes setores. Quando se trata de poluição do ar, eu gostaria de ver o fim das soluções de tubulação. Acho que precisamos combater fundamentalmente a poluição do ar na fonte. Precisamos ter padrões baseados na saúde. Então, em 10 anos, eu gostaria de ver um reconhecimento universal das implicações da poluição do ar para a saúde e das ações baseadas na saúde, a saúde não sendo um benefício incremental e essencial do ar limpo, mas a saúde sendo a base para decisões de ar limpo. E há uma diferença. E precisamos ter essa saúde como base em todas as políticas.

Garry Aslanyan [00:33:11] Obrigado, Shweta. Obrigado, Rico, por essa discussão realmente envolvente.

Rico Euripidou [00:33:18] Foi um prazer. Obrigada

Shweta Narayan [00:33:20] Da mesma forma. Foi um prazer falar com vocês, Garry e Rico, e compartilhar as ideias. Obrigada

Garry Aslanyan [00:33:31] A poluição do ar é um problema que requer uma resposta multifacetada. Conforme evidenciado pelo trabalho de Health Care Without Harm and GroundWork, ele requer advocacia, educação e até mesmo ação legal, seja trabalhando com pacientes à beira do leito, com a comunidade ou na saúde global. Acho que o argumento feito por Shweta e Rico sobre o papel valioso e crítico do setor de saúde merece atenção e ação. Um recurso que vale a pena observar é o kit de ferramentas de treinamento em saúde e poluição do ar, que será lançado pela OMS no final de 2023.

Rajat Khosla [00:34:14] É sempre um prazer ouvir Garry e seus convidados no Global Health Matters. O podcast tem se tornado cada vez mais uma escuta essencial para todos aqueles que trabalham com questões globais de saúde. O que eu mais gosto são os ensinamentos orientados para a ação e baseados na prática que o podcast destaca. Eu adoraria ouvir um episódio futuro sobre abordagens de responsabilidade na saúde global.

Garry Aslanyan [00:34:45] Obrigado Rajat por enviar um feedback tão positivo e estou muito feliz em saber que o que você ouve de nossos hóspedes gera insights úteis. Para saber mais sobre o tópico discutido neste episódio, visite a página do episódio, onde você encontrará leituras adicionais, notas do programa e traduções. Não se esqueça de entrar em contato conosco via mídia social, e-mail ou compartilhando uma mensagem de voz com suas reflexões sobre este episódio. Nos vemos no próximo mês para a parte 2 de History Matters.

Elisabetta Dessi [00:35:19] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de pesquisa baseado na Organização Mundial da Saúde. Garry Aslanyan é o apresentador e produtor executivo. Lindi Van Niekerk e Obadiah George são produtores técnicos e de conteúdo. A edição, comunicação, divulgação, design de mídia social e web de podcast são possíveis por meio do trabalho de Maki Kitamura, Heather Paterson, Chris Coze, Elisabetta Dessi, Izabela Suder-Dayao e Chembe Collaborative. O objetivo do Global Health Matters é produzir um fórum para compartilhar perspectivas sobre as principais questões que afetam a saúde global. Envie-nos seus comentários e sugestões por e-mail ou mensagem de voz para TDRpod@who.int e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que você obtenha seus podcasts. Obrigado por ouvir.